

MODERNIDADE SUBJETIVA: RELIGIOSIDADE E A MUDANÇA DE PARADIGMA NA AUTENTICIDADE TECNOLÓGICA, À LUZ DE CHARLES TAYLOR

SUBJECTIVE MODERNITY: RELIGIOUSITY AND THE PARADIGM CHANGE IN TECHNOLOGICAL AUTHENTICITY, IN THE LIGHT OF CHARLES TAYLOR

Mateus Baptista¹
Prof. Dr. José Pedro Luchi²

RESUMO: Esse trabalho analisa algumas das mudanças culturais contemporâneas na concepção de Charles Taylor em sua obra “Uma Era Secular”. Identifica a racionalidade subjetiva como a principal causa para o declínio e as formas de práticas religiosas tradicionais. Ademais, na racionalidade há um avanço da ciência e com ela o surgimento de novas tecnologias contemporâneas. A fé não desaparece com a secularização, mas transforma as condições na forma de crer no religioso. Este período da “mobilização” trouxe consigo a pluralidade de escolhas, em todas as áreas, mas especialmente espirituais, não mais ligadas às tradições religiosas institucionais. A tecnologia, permite um novo conceito para religião, criando crenças superficiais, mas também dando ao indivíduo mais autenticidade e coragem mediante as escolhas pessoais. Os meios comunicativos foram abraçados na contemporaneidade, divulgando tanto as instituições tradicionais como as novas possibilidades de crenças. Os indivíduos modernos constroem suas próprias éticas adaptando-se livremente aos contextos pluralistas e liberais da racionalidade crítica em meios as novas tecnologias.

Palavras chave: Secularização; Modernidade; Religião; Autenticidade; Subjetividade.

ABSTRACT: This work analyzes some of the contemporary cultural changes in the conception of Charles Taylor in his work “A Secular Era”. Identifies subjective rationality as the main cause for the decline and forms of traditional religious practices. Furthermore, in rationality there is an advance in science and with it the emergence of new contemporary technologies. Faith does not disappear with secularization, but it transforms the conditions in the way of believing in religion. This period of “mobilization” brought with it a plurality of choices, in all areas, but especially spiritual ones, no longer linked to institutional religious traditions. Technology allows a new concept for religion, creating superficial beliefs but also giving the individual more authenticity and courage through personal choices. Communicative media have been embraced in contemporary times, disseminating both traditional institutions and new possibilities of beliefs. Modern individuals build their own ethics by freely adapting to the pluralistic and liberal contexts of critical rationality amid new technologies.

¹ Graduando do Curso de Filosofia Bacharelado do Centro Universitário Salesiano de Vitória (UNISALES). Email: mateusbaptista98@live.com.

² Graduado em Matemática pela Universidade Estadual de Montes Claros (1979), graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (1985), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1989) e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1999). Professor do Centro Universitário Salesiano de Vitória (UNISALES). E-mail: luchi-jp@hotmail.com.

Keywords: Secularization; Modernity; Religion; Authenticity; Subjectivity

1 INTRODUÇÃO

Como é possível lançarmos mão da modernidade e da tecnologia, mantendo a experiência religiosa, sem perder a autenticidade individual? A modernidade contemporânea, segundo a análise de Charles Taylor (2010) em 'Uma Era Secular', não apenas separa Igreja e Estado, mas provoca uma transformação radical nas condições de vivência da fé. Dito isto, pretende-se investigar o impacto que a secularização e a ascensão das tecnologias contemporâneas impactam a religiosidade das pessoas, levando-as a buscar novas formas de expressão espiritual que desafiam as tradições religiosas tradicionais estabelecidas. Segundo Taylor, o indivíduo moderno passa a buscar significados de forma subjetiva, muitas vezes afastando-se das instituições religiosas tradicionais. Nesse cenário, surge uma certa forma que modela o secularismo de acordo com a época tecnológica em que ele está inserido, onde a construção identitária e a busca por sentido são mediadas pela tecnologia, refletindo uma nova dinâmica de existência na modernidade.

A relevância deste estudo reside na compreensão das transformações no campo religioso e na maneira como a tecnologia redefine os modos de expressão da subjetividade e da autenticidade. De acordo com Bauman (1997), a modernidade líquida desafia estruturas tradicionais e cria um ambiente fluido, onde as certezas do passado dão lugar a novas formas de relacionamento com o sagrado. Peter Berger (1985), em sua análise da secularização, destaca que a religião, anteriormente o eixo estruturante das sociedades, tem sua influência gradualmente diminuída, substituída por alternativas seculares e tecnológicas. Nesse sentido, a justificativa deste artigo se apoia na necessidade de compreender como essas dinâmicas impactam a relação do indivíduo com a religião e com a espiritualidade no contexto moderno.

O objetivo deste artigo é investigar o declínio da religião tradicional na modernidade subjetiva, conforme proposto por Charles Taylor (2010), e examinar a evolução de uma autenticidade individualista mediada pela tecnologia. Pretende-se analisar de que forma a secularização, em suas diferentes formas, afeta a vivência religiosa e como a tecnologia oferece novas possibilidades de construção identitária, tornando-se um espaço alternativo de exploração espiritual. Será elaborada uma análise crítica do papel da tecnologia na construção de novas formas de autenticidade e da subjetividade, além de uma visão abrangente do impacto da modernidade no campo religioso.

2 ORIGEM E CARACTERÍSTICAS DA MODERNIDADE SUBJETIVA

Charles Taylor (2010) ao discorrer sobre o grandioso período da mobilização, adota uma abordagem reflexiva holística, enaltecendo a reconstrução dos eventos históricos. A subjetividade moderna nos últimos decênios já não se fundamenta em princípios cristãos de ideais intemporais, trazendo como inovação a busca pelo imanente, reposicionando indiretamente e de forma gradual o lugar das consciências racionais, outrora estabelecido pela religião. O surgimento de uma perspectiva mais autônoma e interiorizada da existência. O indivíduo moderno, em contraste com seus antecessores, já não se orienta por normas exteriores e imutáveis, mas sim pela busca de uma autenticidade pessoal, fundamentada em vivências subjetivas e na contínua redefinição de seu papel na sociedade.

Podemos afirmar que houve vieses positivos na modernidade, mas é notório que tudo está modificado, não há mais uma verdade que seja fixa, ou um bem que seja aplicável a todos. Antes o que era gerido pelas certezas proporcionadas pela Igreja Católica, a partir do século XVIII a busca não está mais nos dogmas institucionais, agora no heliocentrismo, todas as certezas, desejos e vontades estão no íntimo de cada indivíduo. A sociedade agora só pode ser compreendida de forma multifacetada e psicossomática, não há mais uma fluidez emocional, os sentimentos no mundo moderno são suprimidos pelo consumismo, pelos meios tecnológicos, etc. Essa secularização moderna, por vezes é muito complicada de entender, William Butler Yeats (2013) com seu poema “*A Segunda Volta*”, nos mostra na primeira estrofe que tudo no mundo está diferente:

[...] Girando e girando a voltas crescentes / O falcão não escuta o falcão.
Tudo se parte, o centro não sustenta. / Mera anarquia avança sobre o mundo,
/ Marés sujas de sangue em toda parte / Os ritos da inocência sufocados. /
Os melhores sem suas convicções, os piores com as mais fortes paixões [...].
(YEATS, 2013. p, 1)

A modernidade intersubjetiva pode ser vinculada intimamente com todos os fenômenos que acontecem na contemporaneidade e, principalmente, aos que se refere à autonomia dos indivíduos. O fator que determina essa individualidade, está literalmente atrelado às novas formas existenciais mecanicista, principalmente pelos ideais tecnológicos, na vastidão de escolhas. Portanto, no mundo racional só temos as nomenclaturas conceituais de ética e moral, já elas, são uma construção pessoal subjetiva. Em meio a essa multiplicidade de opções tecnológicas e científicas, o homem é o responsável por suas escolhas, sendo tudo racional, por isso, há como consequência uma grande diminuição pelas buscas de instituições religiosas, os dogmas e os mitos não satisfazem mediante ao assombro da verdade revelada pela ciência.

A modernidade intersubjetiva se relaciona intimamente com o fenômeno contemporâneo, que de acordo com a autonomia do indivíduo e com as possibilidades diversas de escolhas, contribuem diretamente na diminuição da busca pelas instituições religiosas tradicionais. As diversas formas de religiosidade influentes na sociedade não atendem mais os indivíduos com suas subjetividades, não sendo mais possível dar sentido pleno para suas vidas. Segundo Peter Berger (1985. p, 49), que diz: “[...] a religião supõe que a ordem humana é projetada na totalidade do ser [...]”. Essas formas intersubjetivas de ver o mundo é parte de um processo mais amplo, em que o mundo deixa de ser visto com os olhos da religião, o lugar do sagrado é volátil, e por isso abre espaço para formas atuais de encontro com o sagrado. A religião tradicional, torna-se apenas uma entre muitas opções disponíveis para o indivíduo, que busca meios de preencher sua vida com valores subjetivos.

Essa nova forma de subjetividade é também alimentada pela crescente multiculturalidade religiosa, característica das sociedades modernas. Ao invés de se submeter a uma única verdade universal, o indivíduo moderno encontra-se diante de um “campo de escolhas”, onde diferentes visões de mundo competem entre si. A pluralidade é uma marca inconfundível da modernidade subjetiva, isso reflete a fragmentação das grandes narrativas que antes orientavam a vida coletiva. O indivíduo é, portanto, convidado a construir seu próprio caminho, buscando autenticidade em experiências que ressoem com sua própria percepção da realidade.

A autonomia individual que caracteriza a modernidade subjetiva está também vinculada ao crescente papel da tecnologia na vida contemporânea. A revolução tecnológica não apenas transformou os meios de comunicação e interação, mas também reconfigurou as formas como os indivíduos constroem suas identidades. De acordo com Bauman (1997), em “A Modernidade Líquida”, surge uma fluidez nas relações institucionais que corroboram para uma construção mais subjetivas são amplamente impulsionadas pelas novas tecnologias que possibilitam ao indivíduo moldar e remodelar sua imagem pessoal de acordo com suas escolhas momentâneas. A tecnologia, portanto, amplia o espaço para a subjetividade ao proporcionar ferramentas que permitem ao indivíduo expressar sua autenticidade de maneira cada vez mais flexível e instantânea.

[...] é preciso, de fato, ver as conexões em ordem inversa. É porque os desenvolvimentos modernos forçaram os homens e as mulheres à condição de indivíduos que viram suas vidas fragmentadas, separadas em muitas metas e funções soltamente relacionadas, cada uma a ser buscada em contextos diferentes e segundo pragmática diversa - que foi improvável que uma ideia “onicompreensiva” promovendo visão unitária do mundo servisse bem a suas tarefas e assim atraísse sua imaginação [...]. (BAUMAN, 1997. p, 10)

Por outro lado, essa liberdade de construção identitária promovida pela tecnologia também gera novas formas de alienação. O sujeito moderno, ao se desvincular das estruturas religiosas e comunitárias, encontra-se muitas vezes imerso em um mar de possibilidades que pode gerar incerteza e ansiedade. Observa-se que essa “tirania da escolha” pode ser um fardo para o indivíduo, que se vê obrigado a constantemente redefinir seu papel e suas prioridades. A liberdade, nesse caso, vem acompanhada de um aumento da responsabilidade sobre si mesmo, o que pode resultar em sentimentos de isolamento ou inadequação.

Taylor (2010), afirma que, a modernidade subjetiva também propicia o surgimento de novas formas de espiritualidade, que se distanciam das religiões institucionalizadas e buscam alternativas mais pessoais e individualizadas para se conectar com o transcendente, ele denomina este movimento da modernidade como “efeito nova”. A religião deixa de ser um marco coletivo e compartilhado pela sociedade, passando a ser uma experiência mais pessoal e muitas vezes conduzida por tecnologia. Exemplos disso são as práticas de meditação permitindo ao ser moderno guiar-se por seus princípios racionais, buscando em si mesmo a solução para os problemas pessoais, e a autenticidade da razão subjetiva.

[...] como se deu a desvinculação da polêmica desses ideais? Não se trata de às formas modernas de humanismo ou fé estarem desconectadas de ideais de ordem. Ao contrário. Mas agora elas estão conectadas ao mesmo ideal. O ideal moderno triunfou. Todos somos partidários dos direitos humanos [...] No entanto também houve uma desvinculação da religião da sociedade, ou, melhor, uma transferência da espiritualidade para um novo tipo de nicho da sociedade [...]. (TAYLOR, 2010. p, 491)

Outro conceito neste amplo campo de opções religiosas, embora seja uma prática de meditação antiga, porém, através dos meios de comunicação se popularizaram. Essa técnica é conhecida por mindfulness, que os métodos foram adaptados para atender a necessidade do mundo atual. Em uma pesquisa feita por Kleina (2021), no campo da neurociência pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR identifica

como o método funciona, levando em conta a metodologia científica que temos até então. Os adeptos a esta forma de terapia, não buscam descobrir um sentido pleno para a vida, nem verdades imutáveis, essas afirmações são uma conquista adquirida pelo tempo, mas há uma grande instabilidade. As premissas da técnica é ensinar como lidar com o passado, entender que não tem controle no futuro e viver o hoje, neste sentido, a forma de meditação mindfulness tende a ensinar controlar os impulsos, buscando uma redução da ansiedade. Exemplifica bem como se dá a alteração do espaço do sagrado na contemporaneidade subjetiva.

[...] O mindfulness é um estado mental caracterizado pela atenção plena nas atividades que estão sendo realizadas. Todos os sentidos são acionados para experienciar o momento presente de forma intencional e consciente. Isso não significa que pensamentos e sentimentos devam ser ignorados, eles devem ser experienciados conforme acontecem, sem juízo de valor algum. Ou seja, a atenção plena não é “esvaziar a mente” nem “atingir um estado de iluminação”. A prática para permanecer no estado mental de atenção plena é como uma atividade física, é preciso treinar e manter uma rotina para sentir os resultados [...]. (KLEINA, 2021. p,1)

Os indivíduos modernos em última instância, não rejeitam necessariamente o transcendente, mas reinterpretam suas relações com ele de uma forma que privilegia a experiência pessoal sobre a doutrina coletiva e a cultura social. De acordo com Taylor (2010), esse processo é parte de uma mudança mais ampla, na maneira como a sociedade moderna lida com questões de sentido e valor, o que se reflete na crescente diversificação das formas de religiosidade e espiritualidade no mundo contemporâneo. Chegamos, então, ao conceito de mobilização onde é possível encontrar um abismo muito grande entre as classes sociais, que influencia na busca pelo religioso. Quem pertence a classe dominante sempre terá mais privilégios, mas quem não pode ter essa conquista acabam por serem os alienados.

[...] O desenvolvimento da ordem disciplinada e instrumentalmente racional do benefício mútuo foi a matriz no interior da qual a mudança pode se dar. Essa mudança representa a área central e a origem da secularização moderna, no terceiro sentido em que tenho empregado este termo, ou seja, das novas condições nas quais crenças e descrença coexistem de forma conturbada [...]. (TAYLOR, 2010. p, 354)

A existência no contexto do materialismo, capitalismo e instrumentalismo, juntamente com os avanços tecnológicos, abre um vasto leque de possibilidades, o que pode deixar o indivíduo diante de uma indecisão avassaladora. Na contemporaneidade, não há uma dicotomia clara entre o que é certo e errado; em vez disso, somos guiados pela consciência racional, que molda nossos princípios morais e éticos de maneira única. Nesse ponto crucial, Taylor (2010) fomenta que a subjetividade humana busca preencher a lacuna existente, seja através da adesão voluntária às instituições tradicionais ou da exploração das novas formas de religiosidade, muitas vezes por influência externa. No entanto, é comum não nos sentirmos plenamente realizados em nenhuma dessas esferas, mas é uma procura em adequar-se, ou melhor em submeter a razão à algum significado além dela mesma.

[...] O que quero dizer com “mobilização” neste ponto? Uma faceta óbvia de seu sentido é que esse termo designa um processo no qual as pessoas são persuadidas, empurradas, forçadas ou intimidadas a adotar novas formas de sociedade, igreja, associação. Isso, em geral quer dizer que elas são induzidas mediante ações dos governos, hierarquias eclesiásticas e/ou

outras elites, não só a adotar novas estruturas, mas também, em certa medida, a alterar seus imaginários sociais e seus sentidos de legitimação, bem como o seu sentido do que é de importância crucial em suas vidas ou sua sociedade [...]. (TAYLOR, 2010. p, 522)

Quando falamos de identidade na modernidade, estamos nos referindo ao processo de autenticidade, que foi uma das consequências trazidas no avanço das tecnologias. Por meio das redes tecnológicas a humanidade pôde pescar peixes muito bons, porém neste místico oceano tecnológico houve e há muita sobrepesca. Neste avanço desenfreado da tecnologia, o homem não precisa se adaptar ao mundo, ele faz o mundo se adaptar a ele, e no meio desta corrida tecnológica acaba ficando para trás os princípios e valores. As redes sociais permitem um imergir em outras culturas, sem sair de casa, no aglomerado de informações o homem se perde dentro dele mesmo. Formando uma sociedade consumista, alienada e fanática, isso tudo pode sem dúvidas chegar a doenças psicológicas. (TAYLOR, 2010. p, 526) “[...] A fissura se origina no fato de que o que faz essa ordem ser correta, para muitos [...] está fundada unicamente na natureza ou em alguma concepção de civilização [...]”.

Ribeiro (1981) afirma que ao discutir identidade na era moderna, estamos abordando o conceito de autenticidade, que surgiu como uma das ramificações do avanço tecnológico. Através de métodos científicos inovadores, a humanidade tem conseguido conferir ao indivíduo uma maior esperança de vida, bem como incutir maiores conveniências; contudo, dentro destes mecanismos tecnológicos superlativos, haverá sempre uma exploração excessiva e desnecessária. Neste acelerado progresso tecnológico, os seres humanos esforçam-se por se adaptar ao mundo à medida que são obrigados a fazê-lo; as antigas concepções não são mais capazes de atender às demandas atuais, especialmente no frenesi tecnológico dos nossos dias. A grande carga cármica da subjetividade surge quando percebemos que não podemos controlar o tempo, uma constatação desanimadora, pois a vida moderna ainda é muito imatura, indecisa e não podemos ancorar perspectivas nela.

[...] os sistemas de comunicação aperfeiçoaram-se e generalizaram-se, colocando uns povos perto dos outros, uniformizando suas ideias ou criando antíteses perigosas, fazendo isto intensificar o ritmo histórico e alargando prodigiosamente a consciência. Da velha concepção materialista não resta se não, no mundo atual, o materialismo dialético, erguido à filosofia nacional e, portanto, na diretriz da consciência de vários povos. O homem, cada homem, se sente protagonista do drama histórico mundial, que nele repercute em cada um de seus episódios e sobre ele se arroja a sombra, de gravíssimas responsabilidades. É este homem, com sua consciência repentinamente aumentada e dolorosamente estremecida, o que é assim mesmo formula agora a interrogação sobre seu ser e seu destino [...]. (RIBEIRO, 1981. p. 65)

A subjetividade contemporânea pode ser compreendida como uma época de metamorfose profunda, na qual o indivíduo se torna o epicentro de sua própria existência, em busca de autenticidade em um mundo cada vez mais fragmentado e diversificado. O advento de um materialismo tecnológico junto à intersubjetividade multicultural, relega aos bastidores os antigos preceitos de verdades convencionais, conferindo ao ser humano a sensação de um infalibilismo progressista, e imergindo-o na evolução intrínseca. O avanço epistemológico fomenta a noção de certezas incontestáveis, criando um cenário utópico no seio do capitalismo astucioso. Nessa nova configuração de subjetividade, verifica-se um ressurgimento do transcendental

obsoleto, visando solidificar concepções pessoais.

2.1 A ERA SECULAR DE CHARLES TAYLOR

Em “*Uma Era Secular*”, Charles Taylor (2010) aborda a secularização como um processo que não apenas transforma a relação entre o indivíduo e a religião, mas também altera as estruturas e significados culturais e sociais ligados à crença e a própria formação do indivíduo. Diferentemente de interpretações mais convencionais sobre o declínio da religião, Taylor apresenta uma análise que transcende a simples separação entre Igreja e estado ou a diminuição das práticas religiosas. Ele propõe que a secularidade moderna deve ser entendida em termos de uma transformação das condições em que as crenças se desenvolvem e são mantidas. Assim, a era secular não implica o fim da religião, mas sim a reformulação de seu papel no mundo contemporâneo.

[...] as situações são tão variadas e “sui generis”, e fatores reconhecidamente repetíveis podem ser atendidos e vividos de modo tão diferenciado nessas situações, que, no fim das contas, teremos mais certeza a respeito de certos atributos causais particulares do que jamais poderemos ter a respeito do que parecem ser as generalizações baseada neles [...]. (TAYLOR, 2010. p, 499)

Uma das contribuições mais importantes de Charles Taylor é o seu conceito das três formas de secularização. A primeira forma refere-se ao afastamento institucional entre as esferas religiosa e política, algo que se consolida em grande parte das sociedades ocidentais a partir do Iluminismo. No entanto, Taylor sugere que esse fenômeno é apenas a superfície de uma mudança mais profunda. A separação entre Igreja e Estado cria um ambiente no qual a fé deixa de ser imposta ou normativa, o que altera a maneira como os indivíduos se relacionam com a religião. Esse distanciamento permite, por exemplo, que as instituições políticas adotem posturas neutras em relação a questões religiosas, o que impacta diretamente a função social da religião nas democracias modernas.

O segundo nível de secularização descrito por Taylor envolve o declínio das crenças e práticas religiosas em muitos contextos ocidentais. Esse processo é frequentemente associado ao desenvolvimento da ciência e da racionalidade, que substituíram as explicações religiosas sobre o mundo natural (TAYLOR, 2010. p, 495) “[...] obviamente que haverá muitas sobreposições nessa secularidade [...]”. No entanto, argumenta que o declínio religioso não é homogêneo e varia dependendo de fatores culturais, sociais e históricos. Aponta que, em algumas regiões, como os Estados Unidos, a religiosidade persiste de forma significativa, mesmo em uma sociedade tecnologicamente avançada. Isso sugere que a secularização não é uma trajetória linear e que sua manifestação depende de contextos específicos.

A terceira forma de secularização, que Taylor considera a mais profunda, é o que ele chama de uma mudança nas “condições de crença”. No passado, a crença em Deus e nas doutrinas religiosas era amplamente aceita como o ponto de partida da vida social e cultural. A religião oferecia respostas definitivas para as questões existenciais e morais, sendo considerada uma estrutura incontestável. (TAYLOR, 2010. p, 496) “[...] essa história é incrivelmente complicada, com amplas variações [...]” hoje, no entanto, a crença é apenas uma entre muitas opções, e o indivíduo moderno vive em um ambiente de pluralidade de visões de mundo, onde a fé religiosa compete com

outros sistemas de significado, como o humanismo secular, o existencialismo e o cientificismo. (Taylor, 2010)

Nesse novo contexto, a crença em Deus ou em uma espiritualidade transcendente não é mais natural ou automática. Em vez disso, ela se torna uma escolha deliberada, e o ato de crer envolve uma série de questionamentos e reflexões. Taylor descreve essa mudança como a passagem de um estado de crença "por default" para um estado em que o crente precisa justificar sua fé de maneira racional e pessoal, não mais para a Igreja, agora é para ele mesmo, (TAYLOR, 2010. p, 500) "[...] Em outras palavras, você pode questionar nossas imagens de uma anterior idade de outra da religião, uma "idade da fé"; afinal, por baixo de um exterior mudado, as coisas talvez não seriam diferentes assim [...]". Isso se deve à proliferação de alternativas de sentido, algo característico das sociedades pluralistas. A religião não desaparece, mas se transforma em uma entre diversas opções de significado para a vida.

[...] A vida prática religiosa vir da qual me torno parte, deve ser não só da minha escolha, mas também deve falar a mim, deve fazer sentido em termos do meu desenvolvimento espiritual como eu o concebo. Dentro dessa moldura de fé, eu escolho a igreja em que me sinto mais confortável. Porém, se agora o foco passa a recair sobre meu próprio caminho espiritual, ou seja, sobre que percepção capto nas linguagens sutis que considero significativas [...]. (TAYLOR, 2010. p, 571)

Essa terceira forma de secularização, segundo Taylor, altera radicalmente a maneira como o indivíduo experimenta o mundo e se relaciona com o transcendente. O crente moderno vive em um ambiente no qual a fé é relativizada pela presença de outras crenças e valores, que podem ser igualmente válidos. Essa situação, descrita por Taylor como "immanence," sugere que o foco da vida moderna está cada vez mais em experiências e valores que não exigem uma transcendência religiosa. As questões morais, éticas e existenciais, que antes eram resolvidas dentro de uma estrutura religiosa, agora são abordadas a partir de perspectivas seculares, muitas vezes baseadas na ciência, na filosofia ou na experiência individual. (Taylor, 2010)

Além disso, a era secular é marcada pelo que Taylor chama de "campo de busca", no qual as pessoas são convidadas a explorar diferentes vias de sentido. Isso significa que o indivíduo moderno não adota automaticamente a fé de seus antecessores, mas explora ativamente diferentes opções espirituais e filosóficas. Esse campo de busca é caracterizado pela experimentação, onde as fronteiras entre o sagrado e o profano se tornam menos rígidas, e novas formas de espiritualidade emergem. A meditação, o mindfulness, a espiritualidade sem afiliação institucional, e até mesmo o ateísmo militante são exemplos de como o campo de busca se manifesta na era secular. (Gomes; Marcon; Furlan, 2018)

Ao mesmo tempo, Ribeiro (1981) reconhece que essa nova condição de pluralismo e escolha também apresenta desafios. A abundância de opções de crença pode gerar uma espécie de "desespero", onde o indivíduo moderno se vê sobrecarregado pela responsabilidade de determinar seu próprio caminho espiritual. Essa pressão para encontrar um sentido pessoal e autêntico pode, em muitos casos, levar a crises de identidade e sentimentos de incerteza. No entanto, pode-se entender que essa desolação também abre espaço para formas mais reflexivas de espiritualidade, onde a fé é constantemente questionada pela racionalidade, e muitas vezes reorganizada

na vida social, pois quanto maior a intelectualidade na vida secular pelos meios de comunicação, maior será também a angústia por estar sempre ultrapassado.

[...] A vida é uma projeção espontânea para o futuro, e sua tendência é altamente criativa. Ela explode em todas as direções, e isto é o que causa atropelo no mundo intelectualista ao qual falta a direção espiritual. O homem vive perdido dentro da enorme massa de conhecimentos que construiu no auge do desespero se vê forçado a produzir sempre mais cultura como a única maneira de fugir de sua prisão mental [...] onde predomina o excesso de estímulo o resultado é inibição [...]. (RIBEIRO, 1981. p, 103)

Nesse sentido, a era secular, conforme descrita por Taylor, não é simplesmente um período de declínio da fé, mas uma época de profunda transformação nas formas como a espiritualidade é vivida e expressa pela razão humana. O que vemos não é tanto o desaparecimento da religião, mas uma mudança em sua função e significado. A religião, longe de ser descartada, é adaptada para atender às necessidades e desafios de uma sociedade pluralista, onde a autenticidade e a escolha pessoal se tornaram centrais. A experiência religiosa na era secular é, portanto, mais diversificada e complexa, refletindo as múltiplas influências culturais, sociais e filosóficas que moldaram a vida moderna. (Taylor, 2010)

Essa visão de uma era secular não apenas redefine o papel da religião nas sociedades contemporâneas, mas também desafia as interpretações tradicionais da secularização. Ao contrário de autores que veem a secularidade como sinônimo de declínio religioso, Taylor propõe uma visão mais matizada, que reconhece a persistência da espiritualidade, mesmo em um ambiente que favorece a racionalidade e o pluralismo. A fé continua a desempenhar um papel significativo na vida de muitos, mas ela assume novas formas, mais adaptadas às condições de uma modernidade complexa e pluralista. (Taylor, 2010)

Em última análise, a era secular de Taylor não é um período de "pós-religião", mas um tempo de reconfiguração espiritual, onde as tradições religiosas precisam se adaptar a um mundo em constante mudança. A espiritualidade se transforma em um caminho de busca pessoal e coletiva, onde cada indivíduo é chamado a encontrar seu próprio sentido em meio a uma vasta gama de possibilidades. Isso não significa o fim da religião, mas sim uma nova fase em sua longa história, marcada pela liberdade de escolha e pela valorização da autenticidade individual. (Kotz 2018)

2.2 AUTENTICIDADE TECNOLÓGICA E INDIVIDUALISMO

A autenticidade, um conceito primordial no pensamento contemporâneo, especialmente na obra de Charles Taylor, emerge como um valor fundamental na era moderna. A busca por uma existência autêntica implica o esforço de ser leal a si mesmo e às próprias vivências, harmonizando escolhas e ações com uma perspectiva pessoal de verdade e bem-estar. No entanto, essa busca, dentro do cenário tecnológico, não se dá de forma solitária, pois há um constante horizonte secular impulsionado pelos meios de comunicação. A autenticidade se mescla com a nova concepção de prosperidade, desvinculando-se da vida religiosa ritualística e dos princípios comunitários.

[...] A nova prosperidade veio acompanhada de melhores meios de comunicação isso abriu horizontes; mais então a nova busca da Felicidade impulsionou as pessoas com tanta força que elas começaram a desertar a antiga vida ritual construída em torno da comunidade e de seus esforços comuns para sobreviver no mundo físico e espiritual. Em seguida, essas mesma vida virtual começou a encolher em parte desaparecer, restando cada vez menos para segurar aqueles que porventura quisessem permanecer dentro dela [...]. (TAYLOR, 2010. p, 576)

A era digital, com suas ferramentas e plataformas, oferece novas maneiras de moldar e expressar a autenticidade. Redes sociais, por exemplo, permitem que indivíduos apresentem suas vidas e suas identidades de maneira calculada e controlada, exercendo um tipo de curadoria sobre como desejam ser percebidos pelo mundo. Bauman (1997) argumenta que, na "modernidade líquida", a fluidez e a transitoriedade das identidades são características predominantes, uma vez que a tecnologia possibilita a rápida transformação e reinvenção do eu. As plataformas digitais permitem que o sujeito experimente diferentes facetas de sua personalidade e, de maneira dinâmica, ajuste sua autoimagem em resposta ao feedback externo.

Esse ambiente digital, no entanto, traz desafios à noção de autenticidade. A facilidade com que a identidade pode ser modificada ou "editada" virtualmente pode gerar uma desconexão entre o ser real e o ser representado. A busca pela aceitação e pela validação social nas redes digitais pode forçar o indivíduo a adotar comportamentos e traços que não correspondem inteiramente à sua identidade verdadeira. Nesse sentido, Taylor (2010) sugere que a autenticidade moderna corre o risco de se tornar superficial, à medida que se torna cada vez mais moldada pelas expectativas e pela aprovação social em vez de pelos princípios internos do indivíduo.

A autenticidade tecnológica, portanto, é uma questão complexa, pois pode revelar a verdade ou iludir. Enquanto oferece oportunidades sem precedentes para a expressão individual, também pode se tornar uma armadilha que prende o indivíduo em uma busca constante por validação externa, levando a subjetividade ao extremo. Bauman (1997), adverte que as interações tecnológicas, embora sejam úteis no cotidiano, geram uma confiança ambígua, já que muitos utilizam a rede para criar uma realidade irreal, um fetiche, uma imagem fictícia, e devido à falta de contato pessoal, temos apenas descrições como referência. Essa confiança "falsa", mediada pela tecnologia, instiga o medo, pois, de acordo com os princípios humanos, só confiamos no que podemos ver e na contemporaneidade há incertezas.

[...] a própria condição de nossa vida é entretida de contradições e consequentemente destinada a permanecer incuravelmente ambivalente. Confiamos, e não confiamos; temos medo tanto de confiar (que nos transformará empresa fácil de qualquer vigarista) como de desconfiar (desconfiança regular tornará a nossa vida insuportável) [...] sendo assim, cremos que os outros são confiáveis e suspeitos ao mesmo tempo, o que nos lança em estado de permanente desafinação cognitiva. Ficamos perdidos, confusos, vulneráveis [...]. (BAUMAN, 1997. p, 134)

Além disso, a conectividade tecnológica contribui para a fragmentação da identidade, um fenômeno amplamente discutido por alguns pensadores modernos. Ao mesmo tempo em que o indivíduo moderno é incentivado a buscar sua própria autenticidade, ele é confrontado com uma vasta gama de influências e narrativas externas que competem por sua atenção e adoção. As redes digitais tornam-se um espaço onde

múltiplas identidades convivem, em que o sujeito se fragmenta para atender às diferentes expectativas de diferentes grupos. Com o advento das novas possibilidades de entender o mundo, principalmente na pós-modernidade, a fragmentação é algo inevitável, pois estamos falando de um período plural e questionável, nisso as instituições tradicionais, como a religião que antes formavam a sociedade bem como ditava as regras agora perdem o monopólio sobre a formação das identidades, até mesmo pela grande gama de possibilidades. (Taylor, 2010)

A relação entre autenticidade e individualismo é central para entender as dinâmicas da modernidade tecnológica. O individualismo, como argumenta Taylor (2010), não é um fenômeno novo, mas ganha novas dimensões no contexto digital. Na era pré-moderna, a individualidade estava frequentemente subordinada a estruturas coletivas, como a família, a igreja e a comunidade local. Com a modernidade, especialmente após o Iluminismo, o indivíduo passou a ser visto como autônomo, capaz de tomar suas próprias decisões e de definir seu próprio caminho. Esse movimento de autonomia se intensifica com o advento da tecnologia digital, que amplifica a capacidade de o sujeito se desvincular das normas tradicionais e construir sua própria narrativa.

A tecnologia, ao mesmo tempo em que facilita o individualismo, também contribui para a homogeneização cultural. O que antes era visto como expressão única e autêntica do indivíduo é frequentemente diluído pelas tendências e padrões globais propagados pela mídia digital. Para Taylor (2010), a autenticidade não pode ser verdadeiramente alcançada quando está em conformidade com padrões preestabelecidos pela sociedade de consumo e pelas normas culturais globais. A "liberdade" oferecida pela tecnologia muitas vezes se revela uma forma sutil de controle, em que o indivíduo é encorajado a se conformar a ideais de sucesso, felicidade e autoexpressão disseminados pelas plataformas digitais.

Em uma análise crítica, Bauman (1997) ressalta que a autenticidade tecnológica desafia o conceito de liberdade individual, sugerindo que as tecnologias modernas não apenas moldam as formas de expressão, mas também restringem as escolhas e influenciam a maneira como o indivíduo constrói sua identidade. Essa crítica está em linha com as reflexões tayloriana, que alerta para o perigo de uma autenticidade superficial, moldada pelas demandas do mercado e pelas expectativas da sociedade de consumo. O que parece ser uma liberdade de escolha, na verdade, muitas vezes esconde pressões com finalidades em conformar-se a determinados padrões.

[...] quando vista “desde o auto”, pelos responsáveis pelo “curso da sociedade” pelos guardas do “bem comum”, a liberdade do indivíduo devia preocupar o observador; ela é suspeita desde o início, pela imprevisibilidade de suas consequências, de ser de fato constante fonte de instabilidade, elemento de caos que se deve reprimir para assegurar e manter a ordem. [...] Nessa visão, para assegurar que indivíduo livres fizessem o que é reto, alguma forma de coação tinha que entrar em jogo. Seus impulsos indóceis e potencialmente maus deviam ser mantidos em xeque - seja a partir de dentro ou de fora: seja pelos agentes mesmos, pelo exercício de seu “melhor juízo”, suprimindo seus instintos com a ajuda de suas faculdades racionais[...]. (BAUMAN, 1997. p, 12)

Essa abordagem de Bauman (1997) sublinha a importância da introspecção na busca pela autenticidade, sugerindo que a verdadeira liberdade reside na capacidade de

resistir às pressões externas e de permanecer fiel aos próprios valores e experiências. O indivíduo contemporâneo está imerso em um ambiente puramente tecnológico, retirando dele uma das principais necessidades do homem, o diálogo, pois tudo pode ser resolvido à distância. Principalmente este fenômeno é muito preocupante, pois proporciona um cenário fanático, conspiratório e frustrado. A autenticidade que deveria ser algo positivo passa a ser um exercício solitário, desconectado muitas vezes do real.

O fenômeno da "bolha social" nas redes digitais, por exemplo, ilustra como a tecnologia pode limitar a autenticidade ao reforçar visões de mundo homogêneas. As plataformas digitais, ao personalizar os fluxos de informações com base nos interesses e comportamentos dos usuários, criam um ambiente no qual o indivíduo é exposto a ideias e valores que confirmam suas crenças pré-existentes. Taylor argumenta que a autenticidade só pode ser alcançada através do confronto com a alteridade, com o diverso e o contraditório. No entanto, a tecnologia, ao promover a criação de bolhas informacionais, reduz as oportunidades de engajamento com o diferente, limitando a profundidade da reflexão individual.

A autenticidade tecnológica, portanto, é um fenômeno paradoxal. Por um lado, ela oferece novas formas de expressão e de construção identitária, que refletem o desejo moderno de autonomia e autoafirmação. Por outro lado, ela pode aprisionar o indivíduo em uma realidade superficial, moldada por influências externas e pelo desejo de aceitação social. A verdadeira autenticidade, conforme argumenta Taylor, não pode ser alcançada sem uma reflexão crítica sobre o papel da tecnologia na formação da identidade, e sem um esforço consciente para resistir às pressões e normas que a sociedade de consumo e as plataformas digitais impõem. A autenticidade, para ser genuína, precisa transcender a superficialidade da autoexpressão instantânea e confrontar o sujeito com questões mais profundas sobre o significado da vida e o papel das relações humanas no desenvolvimento da identidade.

Há uma dicotomia nos avanços tecnológicos quando se referem ao indivíduo. Na história tínhamos a consciência que andava lentamente na Idade Média, com a chegada da racionalidade tecnológica ocorre uma reviravolta e a humanidade ganha um mega upgrade, isso em todos as áreas da sociedade. Com o tempo, a intensificação destes movimentos, passaram a ter consequências correlacionadas pois, nas mãos de subjetividades perversas, tornam-se um caos, além do mais o homem passa a se acomodar, ele não vai mais agora tudo vem até ele, não há construção nem aprendizado, ficam mais focados em suas imagens dispostas pelas interfaces digitais. Mas, podemos afirmar que existe um modo heurístico da tecnologia, pois, quando usada de maneira correta e saudável, passa a ser uma extensão da razão, proporciona um conhecimento multicultural, refletindo sobre as diferenças e valorizando elas, há um poder gerado por este método, impulsiona o homem a crescer, ampliar suas mentes, construir uma democracia pautada em bases mais sólidas. Segundo o filósofo José Pinto (1995), ao analisar a obra "Teoria da Ação Comunicativa" de Habermas (1991), a tecnologia pode ser uma ferramenta maravilhosa para aprender a dialogar com a diversidade e fomentar o desenvolvimento das esferas públicas de modo democrático.

[...] o poder gerado de modo comunicativo pode atuar sem intuito de conquista, sobre as premissas dos processos de valorização e decisão da

administração pública [...]” Ele garante o fundamento das ações que o poder administrativo pode até executar de forma instrumental. O pressuposto deste agir comunicativo é, contudo, a garantia de uma formação radicalmente democrática [...]. (PINTO, 1995. p, 92)

O individualismo exacerbado promovido pela autenticidade tecnológica também pode influenciar a forma como o indivíduo encara as responsabilidades coletivas. Em um mundo cada vez mais digital e fragmentado, a noção de pertencimento a uma comunidade maior, com deveres e responsabilidades mútuas, pode ser minada pelo foco excessivo no “eu” e nas necessidades pessoais. A ideia de viver uma vida autêntica, nesse contexto, pode ser reduzida a um projeto egocêntrico, desconectado das preocupações coletivas. Taylor (2010) alerta para os perigos de uma autenticidade que não reconhece a importância dos laços sociais e da solidariedade, uma vez que a construção de um eu autêntico só é possível no encontro com o outro e no diálogo com a diversidade.

Na autenticidade tecnológica podemos indicar o impacto que ela tem sobre a ética da responsabilidade. A modernidade tecnológica não apenas promove a individualidade, mas também influencia a maneira como o indivíduo se relaciona com questões éticas e morais da sua época. Em um ambiente digital, onde as consequências das ações são muitas vezes distantes e abstratas, o indivíduo pode se sentir desobrigado de considerar os efeitos de suas ações sobre os demais. (BAUMAN, 1997. p, 24) “[...] o que fazemos e outras pessoas fazem pode ter consequências profundas, de longo alcance e de longa duração. [...]” a modernidade líquida dissolve as fronteiras entre o certo e o errado, o que pode comprometer a capacidade de o indivíduo tomar decisões morais autênticas em um mundo dominado pela tecnologia.

[...] entre os seus efeitos existem enorme distância - tanto no tempo como no espaço - que não podemos sondar usando nossas capacidades inatas e ordinárias de percepção, e sendo assim, dificilmente podemos medir a qualidade de nossas ações mediante pleno inventário de seus efeitos. O que nós e outros fazemos tem “efeitos colaterais”, “consequências não antecipadas”, que podem abafar quaisquer bons propósitos que se fazem e produzir desastres e sofrimento que nós e ninguém quisemos ou vislumbramos [...]. (BAUMAN, 1997. p, 24)

A tecnologia, portanto, tem o poder de redefinir a noção de autenticidade, mas também apresenta desafios que precisam ser enfrentados para que essa autenticidade seja plena e significativa. O papel do diálogo, da introspecção e da responsabilidade coletiva são fundamentais para equilibrar o individualismo promovido pelas plataformas digitais com uma autenticidade que seja realmente transformadora e verdadeira. Taylor enfatiza que, em última análise, a autenticidade tecnológica só pode ser alcançada quando o indivíduo é capaz de refletir criticamente sobre o impacto da tecnologia em sua vida e nas suas relações com os outros.

2.3 O LUGAR DA RELIGIÃO NA ERA MODERNA

A era moderna é marcada por profundas transformações sociais e culturais que afetam diretamente a relação entre o indivíduo e a religião. Esse processo, geralmente descrito como secularização, é multifacetado e envolve não apenas o afastamento das práticas religiosas tradicionais, mas também uma reconfiguração das formas de crença e espiritualidade. Charles Taylor (2010) argumenta que a modernidade trouxe consigo uma mudança significativa nas condições de crença, onde a fé religiosa deixa

de ser um pressuposto universal e se torna apenas uma entre muitas opções possíveis. Nesse cenário, o declínio da religião não significa simplesmente o desaparecimento da religiosidade, mas uma alteração no modo como ela é vivida e experimentada.

Um dos fatores centrais que contribuem para esse fenômeno é a crescente racionalização da vida social. Desde o Iluminismo, o pensamento racional e científico passou a ocupar um lugar de destaque na explicação do mundo, oferecendo alternativas às narrativas religiosas que antes dominavam. O avanço da ciência, segundo Taylor (2010), proporciona respostas mais concretas para questões existenciais e cosmológicas, muitas das quais estavam historicamente ligadas à religião. Assim, o indivíduo moderno, munido de explicações científicas sobre a origem do universo e a natureza da vida, sente-se menos dependente das tradições religiosas para dar sentido à sua existência.

[...] A ciência Moderna oferece uma visão do universo moldado em leis gerais. O fundamental é uma ordem impessoal de regularidades na qual todas as coisas específicas existem, abrangendo todo espaço e tempo. Isto parece conflitar com a fé cristã, que nos relaciona um Deus-criador pessoal e explica nossa condição em termos de um intercâmbio crescente de ação divina e reação humana ação a essas intervenções na história, culminando na Encarnação e na Expição [...]. (TAYLOR, 2010. p, 428-429)

Essa mudança no horizonte da racionalidade também implica uma nova forma de relacionamento com o transcendente. Se antes a religião ocupava um espaço central na organização da vida coletiva, hoje ela se vê deslocada para o âmbito privado e individual. A privatização da fé, discutida por Kotz (2018), reflete a dificuldade das instituições religiosas em manter a relevância em um contexto onde as estruturas de poder e autoridade são cada vez mais secularizadas. A religião, que antes ditava normas morais e orientava as decisões políticas e sociais, agora compete com outros sistemas de valores, como o humanismo secular, o racionalismo e o subjetivismo.

A urbanização e a industrialização também desempenham papéis importantes nesse processo de declínio. A migração das populações rurais para os centros urbanos, que se intensificou durante os séculos XIX e XX, e trouxe consigo mudanças nas dinâmicas sociais e familiares que eram tradicionalmente ainda associadas à vida religiosa. Nas cidades, o ritmo de vida acelerado e o foco no trabalho e na produção econômica deixam pouco espaço para as práticas religiosas e até mesmo familiar que dirá comunitárias. De acordo com Camati (2016), as cidades modernas são caracterizadas pela pluralidade, seja pela convivência de diferentes tradições religiosas ou filosóficas, que favorece um ambiente de relativismo e individualismo moral, e conseqüentemente problemas discriminatórios.

[...] nesse sentido, a autorrealização é entendida como um processo puramente individual. Tal fator acontece, segundo Taylor, pois estamos imersos numa sociedade liberal que prega a neutralidade. Cada indivíduo busca sua forma de vida boa, o Estado tem apenas que garantir os meios para que os indivíduos alcancem tal fim. Abre-se mão de projetos comuns e abraçam-se os modos individuais, de realização. O liberalismo da neutralidade diminui a força de organizações políticas, sociais e religiosas, enfim, de tudo o que busque tratar de questões para além do self, enclausurando o indivíduo nele mesmo [...]. (CAMATI, 2016. p, 168)

Neste ambiente cosmopolita, a religião deixa de exercer seu domínio absoluto sobre a verdade moral e espiritual. O indivíduo contemporâneo, confrontado com uma ampla variedade de crenças e ideologias, desfruta da liberdade de eleger qual trajeto seguir ou até mesmo optar por não seguir nenhuma religião. Essa multiplicidade de opções, conforme observa Taylor (2010), resulta em uma reavaliação constante das tradições religiosas, que muitas vezes são vistas como antiquadas ou inadequadas para lidar com os desafios da vida contemporânea. O resultado é um enfraquecimento das instituições religiosas e um declínio na adesão às suas práticas e doutrinas.

Outro aspecto fundamental do declínio da religião é o surgimento de uma nova ética individualista, na qual a autenticidade pessoal e a busca por realização individual se tornam os principais valores. Essa mudança de paradigma reflete a ascensão do que Taylor (2010) chama de "modernidade subjetiva", onde o indivíduo é visto como o principal autor de sua própria vida, em vez de um seguidor de normas impostas externamente. No contexto da religião, isso significa que a fé é frequentemente reinterpretada de maneira pessoal, e as pessoas buscam uma espiritualidade que se alinhe com seus próprios sentimentos e experiências, em vez de seguir dogmas estabelecidos por uma autoridade institucional.

[...] É claro que embutida nessa compreensão do lugar e da natureza da espiritualidade está o pluralismo, não só o pluralismo dentro de uma certa moldura doutrinal, mas o pluralismo ilimitado. Ou, melhor, os limites são de outra ordem; eles são de certa maneira políticos e decorrem da ordem moral da liberdade e do benefício mútuo. Meu caminho espiritual deve respeitar o dos outros; ele deve obedecer ao princípio do dano. Com essa restrição, o caminho da pessoa pode figurar entre aqueles que requerem alguma comunidade para serem vividos, inclusive comunidades nacionais ou pretensas igrejas estatais, mas pode também estender-se àquelas que requerem apenas grupos com a mais tênue afinidade ou um mero organismo de serviço, como uma fonte de informações e de literatura [...]. (TAYLOR, 2010. p, 575)

Esse processo de individualização da fé também reflete a crescente desconfiança em relação às instituições em geral. O século XX foi marcado por uma série de crises de autoridade, que abalaram a confiança das pessoas nas grandes instituições, incluindo a Igreja. Escândalos envolvendo líderes religiosos e a percepção de que as instituições eclesásticas muitas vezes não estão alinhadas com os valores contemporâneos de igualdade e justiça social contribuíram para esse afastamento. Para Taylor (2010), a crise de autoridade religiosa é um dos principais fatores que explicam o declínio da adesão às práticas e crenças tradicionais na era moderna. Mas ainda há o fator da comodidade do ser humano na secularidade, assim diz Camati (2016):

[...] não há como não reconhecemos os grandes avanços que a técnica nos propiciou. Já não conseguimos mais viver sem algumas comodidades que possuímos graças aos avanços da ciência. O problema desse processo são consequências que estamos e ainda iremos enfrentar por tanto desenvolvimento científico. Já existem sinais claros que o planeta está se esgotando [...]. (CAMATI, 2016. p, 171)

A religião e a globalização também desempenham um papel fundamental na metamorfose das formas de religiosidade na contemporaneidade. A interligação global e a acessibilidade facilitada a diversas culturas e tradições religiosas expõem os

indivíduos a uma diversidade de crenças e práticas que anteriormente eram desconhecidas ou inacessíveis. Esse contato com outras manifestações de espiritualidade não apenas desafia as tradições religiosas locais, mas também fomenta a emergência de novas formas de sincretismo e espiritualidade híbrida. A religião, nesse contexto, torna-se mais maleável e adaptável, porém também perde parte de sua coesão e autoridade normativa.

A era moderna também testemunha o surgimento de movimentos religiosos de revitalização. Esses movimentos, muitas vezes carismáticos ou fundamentalistas, oferecem uma resposta às incertezas da modernidade e às crises de identidade que ela provoca. Taylor (2010) afirma que esses movimentos representam uma tentativa de reencontrar um sentido de autenticidade e transcendência em um mundo que, para muitos, parece cada vez mais desencantado. Ao contrário de simplesmente aceitar o declínio da religião, esses grupos buscam restaurar sua relevância, muitas vezes através de uma rejeição explícita dos valores seculares e modernos.

[...] assim, um pouco da mesma relação complexas do passado agora reaparecem na cultura popular. Tomem, por exemplo, as várias viagens de nostalgia que ocorrem de tempos em tempos: A tendência para reminiscência ou memória da Primeira Guerra Mundial ou pôr uniformes militares de tempos antigos. Aqui, frequentemente, há um elemento de ironia, até mesmo afetação, mas também de nostalgia por uma era perdida de certeza; e, junto com tudo isso, até uma espécie de conforto no arraigamento nesse passado perdido. Essa ambivalência em relação à síntese anterior agora parece terceiro infiltrado na cultura toda. Essa ambivalência iniciar em relação a síntese anterior agora parece ter se infiltrado na cultura toda [...]. (TAYLOR, 2010. p, 481)

Em última análise, o declínio da religião na era moderna é um fenômeno complexo e multifacetado, que não pode ser reduzido a uma simples narrativa de perda ou desaparecimento. A modernidade, ao promover o individualismo, a racionalidade e o pluralismo, transforma a maneira como a religião é vivida, mas não elimina a necessidade de uma conexão com o sagrado. Como Taylor (2010) argumenta, a secularização não é o fim da religião, mas sim uma reconfiguração de suas formas e significados na vida moderna.

Portanto, a religião, na modernidade, adquire novos contornos. A fé, que antes era vivida de forma coletiva e institucional, agora se manifesta de maneiras mais individualizadas e personalizadas. A espiritualidade, que muitas vezes é vista como uma forma de resistência à racionalidade moderna, continua a desempenhar um papel importante na vida de muitos, ainda que fora das instituições religiosas tradicionais. A era moderna, assim, não marca o fim da religião, mas a sua transformação em um fenômeno mais flexível e adaptável, que reflete as complexidades e desafios de um mundo em constante mudança.

3 METODOLOGIA

A metodologia empregada neste artigo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa e teórica, com base na análise bibliográfica. O objetivo central é investigar e debater o declínio da religião na era moderna e o surgimento de uma autenticidade tecnológica individualista, conforme discutido por Charles Taylor (2010) em *Uma Era Secular*. A pesquisa também explora as ideias de outros teóricos, como Zygmunt Bauman e Peter

Berger, enriquecendo o debate sobre a relação entre secularização, modernidade subjetiva e o impacto da tecnologia.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pela complexidade do tema, que demanda uma análise profunda das transformações culturais, religiosas e sociais no contexto da modernidade. O método de análise bibliográfica foi selecionado por permitir uma investigação detalhada das teorias e conceitos desenvolvidos por diferentes autores. Através da revisão de literatura, este estudo identifica os principais argumentos e correntes de pensamento que abordam a secularização, o papel da religião na modernidade e o avanço da autenticidade individualista mediada pela tecnologia.

As obras de Charles Taylor foram fundamentais para a construção da base teórica do artigo, especialmente seus conceitos de secularidade e as três formas de secularização. As reflexões de Taylor sobre a modernidade e a autenticidade também são centrais à discussão. Autores complementares, como Bauman, Berger e Habermas, foram selecionados para expandir a análise e oferecer uma perspectiva crítica e comparativa às ideias de Taylor. Isso permitiu a construção de um debate mais robusto sobre o impacto da secularização e da tecnologia na sociedade contemporânea.

A coleta de dados consistiu na identificação e seleção de textos acadêmicos, livros, artigos e ensaios pertinentes ao tema. O foco recaiu sobre publicações que discutem a secularização, a modernidade, a autenticidade e a tecnologia. Após a seleção das fontes, foi realizada uma leitura crítica dessas obras, com o intuito de extrair informações relevantes para sustentar as discussões e análises ao longo do artigo.

A análise dos dados seguiu uma abordagem interpretativa, buscando conexões entre as teorias de Taylor e os demais autores selecionados. A comparação dessas diferentes perspectivas teóricas permitiu uma reflexão mais aprofundada acerca dos fenômenos estudados, favorecendo uma abordagem crítica e reflexiva na construção dos argumentos apresentados.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Charles Taylor (2010) em “Uma Era Secular” oferece uma perspectiva valiosa para compreender a transição da era da modernidade para o da autenticidade, sugerindo que, embora a mobilização tenha trazido consigo um aumento da individualidade, também gerou um vazio existencial que impulsiona a busca por experiências mais autênticas. Nesse contexto, a religião não desaparece, mas se transforma, adaptando-se às novas demandas de um mundo em constante evolução.

A religiosidade destaca-se ao considerar que, mesmo em meio a um cenário de fragmentação e pluralidade, as pessoas continuam a buscar maneiras de se conectar com o sagrado de forma que faça sentido em suas vidas. Dessa forma, o atual contexto autêntico e contemporâneo é altamente subjetivo e influencia todas as áreas da sociedade, especialmente nas formas de compreender o que é sagrado.

A racionalidade instrumentalista que pelos meios de comunicação induz o indivíduo em muitos casos abandonar cultura desenvolvida na família com os princípios centrais de quem ele realmente é, envolve neste processo de socialização os familiares a escola, os amigos e as experiências com todas as demais pessoas que direta ou

indiretamente conviveram com este indivíduo. Neste novo e moderno jeito de ser “anormal” é possível abandonar estes princípios primeiros, passando a consumir um misto de culturas fornecidas pelos meios de comunicação, sendo “vendidas em prateleiras da loja de conveniência”. Em outras palavras, pode-se dizer que é um fetiche de experimentar o profano que agora é normal, tanto na sexualidade, quanto na moda moderna, seja universitária, pop, rock, enfim. Ainda existe as novas experiências modernas de espiritualidade, que pode ser absolutamente em qualquer lugar, sem necessidade de instituições.

A mudança de mentalidade, principalmente com o apogeu da racionalidade pelo filósofo alemão Immanuel Kant (1788) em sua obra “A Crítica da Razão Prática” alterou todos os conceitos morais e éticos, Kant valorizou as máximas pessoais, não tinha nenhum interesse em propor ética social, ele desenvolveu o pensamento de acordo com a racionalidade do indivíduo, de tanto que algumas coisas foram concebidas para o bem como o desenvolvimento tecnológico, e outras decaíram para o absurdo como a visão de Deus que todas as religiões pregavam, vemos aqui um contraponto de Kant (1788) com a visão proposta por Habermas (1990) que busca uma integração do indivíduo com a sociedade, seu pensamento volta-se para um bem comum.

A influência de Descartes é notável nesse contexto, pois sua ênfase na razão como o caminho para a verdade contribuiu para a desvalorização de experiências espirituais que não se enquadram em um modelo racionalista. A religiosidade, antes centrada em instituições e dogmas, começa a se fragmentar, dando origem a práticas mais subjetivas e personalizadas que refletem a busca por um sentido individual em um mundo cada vez mais complexo. Há uma mudança significativa no papel do sagrado na religião na era moderna, principalmente com o apogeu da autenticidade subjetiva, conforme concebida pela modernidade, um fenômeno que acarreta profundas implicações para a vivência da fé. O sagrado, que antes estava intrinsecamente ligado a instituições e rituais, passa a ser uma construção mais fluida e pessoal, como evidenciado no pensamento de Bauman (1997).

Peter Berger (1985), por outro lado, apresenta uma visão mais crítica da fragmentação do sagrado. Argumenta que o pluralismo religioso da modernidade enfraquece as instituições religiosas, que perdem sua capacidade de oferecer uma visão coesa e unificadora da realidade. Segundo Berger, o que ele chama de “secularização” é, em parte, a fragmentação, que antigamente oferecia uma interpretação religiosa unificada do mundo. Para Berger, essa pluralidade leva a uma crise de legitimidade nas instituições religiosas, que não conseguem mais fornecer respostas significativas para as questões existenciais que confrontam o homem moderno.

Zygmunt Bauman (1997), afirma que essa fluidez da modernidade se estende também às práticas religiosas, que se tornam temporárias e descartáveis, perdendo seu caráter tradicional de permanência e estabilidade. A religião, na modernidade líquida, segundo Bauman, é tratada como uma mercadoria: os indivíduos consomem práticas espirituais de acordo com suas necessidades imediatas, sem o compromisso de longo prazo que caracterizava as gerações anteriores. Isso cria uma superficialidade nas experiências religiosas, pois os indivíduos passam a buscar apenas o que lhes oferece conforto imediato, sem se engajar profundamente nas tradições religiosas.

A crítica de Bauman contrasta com a visão de Taylor acredita que a busca por autenticidade, característica da modernidade, pode levar a um aprofundamento da espiritualidade pessoal, mesmo que desvinculada das instituições tradicionais. Para Bauman, no entanto, essa busca por autenticidade na era líquida tende a resultar em experiências efêmeras e superficiais, que contribuem pouco para a formação de uma identidade religiosa sólida. Bauman, portanto, critica a superficialidade das experiências religiosas na modernidade líquida, enquanto Taylor acredita que essa pluralidade pode, de fato, enriquecer a vida espiritual, ainda que de forma mais individualizada.

Kotz (2018), ao discutir o impacto da tecnologia na religiosidade moderna, explora a ideia da “autenticidade tecnológica”. Ele sugere que a tecnologia molda a forma como as pessoas expressam e vivem suas identidades religiosas na modernidade. A espiritualidade mediada pela tecnologia, segundo Kotz, cria uma nova forma de autenticidade que é, ao mesmo tempo, moldada pelas pressões sociais e comerciais. As plataformas digitais, como redes sociais, permitem que os indivíduos expressem suas espiritualidades de maneira personalizada, mas também os expõem a pressões externas para se conformar a certas expectativas de sucesso, aceitação e visibilidade.

Fernando Kotz alerta para o perigo de transformar a autenticidade como responsável em construir indivíduos superficiais, preocupando-se mais em parecer autêntico nas normas modernas do que ser realmente autêntico. Essa crítica de Kotz dialoga com as preocupações de Bauman sobre a volátil intersubjetividade numa modernidade líquida, essa autenticidade tecnológica é vista como a gênese do individualismo, do consumismo e instrumentalismo, contrastando com a visão de Taylor sobre a autenticidade. Taylor vê a tecnologia como uma oportunidade para o desenvolvimento espiritual, ele não compara como algo ruim ou coloca a religião em processo de extinção, afirma que é necessário que determinados ciclos se encerrem dando início a outros.

Para Ferreira (2021), a linguagem religiosa, que antes tinha o poder de moldar identidades e normas sociais, é agora fragmentada e dispersa em um ambiente de constante sobrecarga de informações. Isso dificulta a comunicação de valores espirituais profundos e a formação de uma comunidade coesa em torno de crenças comuns. No entanto, ele também reconhece que essa fragmentação oferece novas oportunidades de reinvenção da espiritualidade, desde que as religiões consigam adaptar sua linguagem e suas formas de comunicação às novas realidades digitais.

Charles Taylor (2010) discorda em parte dessa visão pessimista, argumentando que a busca por autenticidade moral ainda é uma característica central da modernidade. Ele reconhece que a secularização enfraqueceu as instituições religiosas, mas acredita que isso abriu espaço para que os indivíduos desenvolvessem suas próprias éticas pessoais, baseadas em uma reflexão autêntica e subjetiva. Para Taylor, a modernidade oferece a oportunidade para que os indivíduos se libertem das normas morais impostas e desenvolvam um senso de moralidade que reflita suas experiências e crenças pessoais. No entanto, ele também alerta para os perigos do individualismo exacerbado, que pode levar ao isolamento moral e à perda de sentido comunitário.

O impacto da tecnologia na espiritualidade é outro ponto central na análise do declínio da religião na modernidade. Fernando Kotz (2018) argumenta que a “autenticidade

tecnológica" molda a forma como os indivíduos vivem e expressam suas identidades espirituais na era digital. Kotz, a tecnologia oferece uma nova plataforma para a espiritualidade, permitindo que os indivíduos busquem práticas espirituais de maneira personalizada e acessível. No entanto, ele também adverte que essa autenticidade tecnológica pode ser superficial e moldada por expectativas externas, como a pressão para se conformar a certos padrões de sucesso e visibilidade nas redes sociais.

A análise dos resultados sobre o declínio da religião na modernidade, à luz das diferentes perspectivas teóricas de Taylor, Bauman, Berger, Kotz, Ferreira e outros, revela uma diversidade de interpretações e confrontos. Taylor vê a modernidade como uma oportunidade para a renovação espiritual, através da pluralidade e da busca por autenticidade, enquanto Bauman alerta para os perigos da superficialidade e do consumismo na espiritualidade moderna. Berger, por sua vez, foca na crise de legitimidade das instituições religiosas em um mundo pluralista.

O declínio da religião na modernidade é um fenômeno que envolve não apenas a perda de influência das instituições religiosas, mas também uma profunda reconfiguração da espiritualidade, da moralidade e da relação do indivíduo com o sagrado. As diferentes perspectivas apresentadas por esses autores oferecem uma visão rica sobre o tema da religiosidade, revelando tanto os desafios, quanto às oportunidades que a modernidade traz para as novas formas de espiritualidade sem a necessidade de instituições fortes e instáveis.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do estudo, foi explorado o declínio da religião na era moderna, levando em consideração o impacto da subjetividade e da tecnologia na espiritualidade contemporânea. A análise revelou que a secularização não é um fenômeno simples ou linear, mas sim uma reconfiguração complexa das condições de crença e da relação entre o indivíduo e o sagrado. A modernidade, caracterizada por uma multiplicidade de opções espirituais e por novas formas de expressão, apresenta desafios e oportunidades para a prática religiosa. No processo de secularização, há uma modificação na percepção do espaço e do mundo. Taylor descreve a transição do cosmos limitado para um contexto universal vasto proporcionado pela subjetividade e intersubjetividade.

O conceito de modernidade subjetiva ressalta como a religião evoluiu de uma instituição central e inquestionável para uma escolha individual e subjetiva. O indivíduo moderno, imerso em uma sociedade pluralista e tecnológica, não necessariamente abandona a busca por um sentido transcendental, mas o faz de maneiras novas, muitas vezes desvinculadas das tradições religiosas convencionais. A fé, que anteriormente era uma estrutura coletiva e imutável, além de inquestionável, torna-se agora uma jornada pessoal e flexível, adaptada às exigências da vida contemporânea. Os conceitos desenvolvidos na sociedade, relaciona-se à não intervenção divina em decisões individuais e o mais importante o cosmos expansivo, associado à adaptação das novas interfaces digitais e aos novos modelos para atender a todas as demandas do mercado.

O avanço da tecnologia desempenha um papel crucial nessa transformação, criando novas formas de expressão espiritual e permitindo que indivíduos compartilhem e experimentem diferentes crenças com facilidade. No entanto, esse progresso também pode resultar em uma superficialidade nas práticas religiosas, à medida que a espiritualidade é influenciada por uma lógica de consumo e exibição digital. A tecnologia, portanto, amplia as possibilidades de vivência religiosa, ao mesmo tempo em que apresenta desafios à autenticidade e profundidade das experiências espirituais.

A modernidade também provocou uma reconfiguração das normas morais e éticas. Com a perda de influência das instituições religiosas sobre a sociedade, o indivíduo é incentivado a desenvolver sua própria ética, baseada em suas experiências pessoais e em um diálogo constante com a diversidade de valores disponíveis. A moralidade deixa de ser imposta externamente, tornando-se uma escolha consciente, refletida e adaptada ao contexto de vida de cada indivíduo. Diante da multiplicidade de escolhas, o indivíduo não encontra mais segurança externa diante das fragmentações e da instrumentalização das relações sociais, convivendo com a superficialidade das opções e com o vazio que se instaura e frequentemente o medo decorrente.

Entretanto, o declínio da religião institucional não implica o desaparecimento da espiritualidade. Pelo contrário, revela uma transformação na qual o indivíduo busca novas formas de se conectar com o sagrado, seja mesmo através de práticas tradicionais ou de experiências mais personalizadas. Essa diversidade é uma característica da modernidade e requer uma abordagem mais crítica e consciente por parte dos indivíduos, que devem equilibrar suas buscas espirituais com as exigências de uma vida cada vez mais dinâmica e influenciada pela tecnologia.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BAUMAN, Z. **Ética pós-moderna**. Tradução: João Costa. São Paulo: Paulus, 1997.

BERGER, L. P. **O Dossel Sagrado**: Elementos Para Uma Teoria Sociológica Da Religião. São Paulo: Paulinas, 1985.

CAMATI, O. Os mal-estares da modernidade. Amargosa: **Griot**, v.13, n.1, p. 2178-1036, 2016. Disponível em: <www.ufrb.edu.br/griot>. Acesso em: 11 nov. 2024.

FERREIRA, J. C. S. A concepção de jogo de linguagem nas Investigações filosóficas. Uberlândia: **Primordium**, v. 6, n. 11, p. 10-10. 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.14393/REPRIM-v6n11a2021-58625>>. Acesso em: 15. out. 2024.

FILHO, G. P. Uma reflexão sobre a temporalidade no "Parmênides" de Platão. Poço de Caldas: **Voluntas**, ed. 11, v.1, p. 86-99, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/2179378643314>>. Acesso: 15 out. 2024.

GOMES, F. H. C; MARCON, G. H; FURLAN, R. Mal-estar, autenticidade e religião em Charles Taylor. Ribeirão Preto: **Memorandum**, ed. 35, v.1, p. 65-83, 2018. Disponível em:

<<https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6888>>. Acesso em: 15 out. 2024.

GONÇALVES, P. S. L. Fé cristã e ciência na Era Contemporânea. Campinas: **Reflexão**, ed.40, v. 2, p.193-209, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.24220/2447-6803v40n2a3297>>. Acesso em: 05 nov. 2024.

KANT, I. **Crítica a Razão Prática**. Trad. Afonso Bertagnoli. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 2024. Disponível em: <<https://marcosfabionuva.com/wp-content/uploads/2011/08/crc3adtica-da-razc3a3o-prc3a1tica.pdf>> \t>.

KLEINA, O. O Poder Do Mindfulness Explicado Pela Neurociencia. Curitiba: **[S.l.: s.] PUCPR**, 2021. Disponível em: <<https://posdigital.pucpr.br/blog/mindfulness-neurociencia>>. Acesso em: 30 out. 2024.

KOTZ, F. T. O Destino Da Religião Numa Sociedade Secular Na Obra Uma Era Secular De Charles Taylor. 139 p. Belo Horizonte: **FAJE**, 2018. Tese (Doutorado) - Departamento de Teologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Faculdade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <<https://faculdadejesuita.edu.br/wpcontent/uploads/2022/06/o-destino-da-religiao-numa>> \t>. Acesso em: 10 jun. 2024.

PONZIO, A; CALEFATO, P; PETRILLI, S. **Fundamentos de Filosofia da Linguagem**. Trad. Fernando e Alves. Petrópolis: Vozes, 2007.

PINTO, J. M. de R. A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à administração escolar. Ribeirão Preto: **Paidéia**, ed. 8/9, v. 1, p.77-96, 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-863X1995000100007>>. Acesso em: 10 out. 2024.

REALE, G; ANTISERI, D. **História da filosofia**: de Nietzsche à Escola de Frankfurt. 2. ed. São Paulo: Paulus, v. 6, 2008.

_____. _____. : do romantismo até nossos dias. São Paulo: Paulus, v. 3, 1998.

_____. _____. : antiguidade e idade média. São Paulo: Paulus, v. 1, 1990.

RIBEIRO, L. **O homem como natureza e espírito**: iniciação à filosofia do homem. Rio de Janeiro: Folha Carioca, v.1. 1981.

SILVA, F.A. A Revolução Copernicana Na Filosofia De Kant: Breves Considerações a Partir Do Prefácio Da Segunda Edição Da Crítica Da Razão Pura. Pelotas: **Enciclopédia**, v.6, p. 22-35, 2016. Disponível em: <<file:///C:/Users/nicol/Downloads/9591-Texto%20do%20artigo-37720-1-10-20170418.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2024.

TAYLOR, C. **Uma era secular**. Trad. de Luís Leitão. São Leopoldo, 2010.

YEATS, B.W. A Segunda Vinda. Trad. Adriano Scandolara. **Eutomia**, v. 1, ed. 11, 2013. Disponível em: <<https://escamandro.wordpress.com/2013/09/01/a-segunda-vinda-de-yeats-na-eutomia/>>. Acesso em: 30 out. 2024.